

Promoção do mosquito ou promoção da saúde?

Uma análise das postagens do Facebook do Ministério da Saúde do Brasil

Bruna Paes de Oliveira,

Mariella Silva Oliveira-Costa,

Ana Valéria Machado Mendonça

Resumo: A pesquisa analisa as postagens do Facebook do Ministério da Saúde, durante três anos consecutivos, no mês de dezembro (2015 - 2017). Além do tema das postagens, foram identificadas a presença ou ausência de imagem, a menção ao SUS, e o foco do post na responsabilização do usuário, do gestor ou do trabalhador. Com características comuns às campanhas do Ministério da Saúde, as postagens apresentaram o *A. aegypti* como vilão e inimigo público e utilizaram amplamente da linguagem bélica e da responsabilização da população. Indo contra a perspectiva de uma comunicação promotora de saúde, expressões que denotam luta e guerra são usadas para tentar alcançar e conquistar a mobilização social. Conclui-se que apesar de as redes sociais serem espaço estratégico de comunicação e promoção da saúde, a comunicação executada pelo gestor federal do SUS tem como foco de conteúdo a guerra ao mosquito e responsabilização das pessoas.

Palavras-chave *Aedes aegypti*. Arboviroses. Mosquito. Comunicação em saúde. Redes sociais virtuais.

Abstract: This survey analyzed the Brazilian Health Ministry's Facebook fanpage, for three consecutive years, in December (2015 - 2017). The evaluation criteria were the posts subject, images, a Public Health System (SUS) image and who was the audience (user, manager or worker). The *A. aegypti* was described as a public enemy and the war language was widely used, with responsibility of the population. Unlike a health promotion perspective, expressions that denote struggle and war are used to try to achieve social mobilization. It was concluded that although social networks are strategic spaces for communication and health promotion, the Brazilian Health Ministry on facebook focused on the content of the war on mosquitoes and people accountability.

Keywords: *Aedes aegypti*; arboviruses; health communication; social network.

Resúmen: La investigación analiza las publicaciones de Facebook del Ministerio de Salud, durante tres años consecutivos, en el mes de diciembre (2015 - 2017). Además del tema de las publicaciones, se identificó la presencia o ausencia de una imagen, la mención del SUS y el enfoque de la publicación en la responsabilidad del usuario, gerente o trabajador. Con características comunes a las campañas del Ministerio de Salud, las publicaciones presentaban a *A. aegypti* como un villano y enemigo público y usaban ampliamente el lenguaje de guerra y la responsabilidad de la población. En contra de la perspectiva de la comunicación que promueve la salud, se utilizan expresiones que denotan lucha y guerra para tratar de lograr y lograr la movilización social. Concluimos que aunque las redes sociales son un espacio estratégico para la comunicación y la promoción de la salud, la comunicación realizada por el gerente federal del SUS se centra en el contenido de la guerra contra el mosquito y la responsabilidad de las personas.

Palabras-clave: *Aedes aegypti*; arbovirus; comunicación en salud; redes sociales virtuales.

INTRODUÇÃO

Especula-se que o *Aedes aegypti*, amplamente conhecido como mosquito da dengue, está presente no Brasil desde o período colonial. Sua disseminação e proliferação foram e são favorecidas pela rápida urbanização, a falta de estrutura das cidades, a inadequada condição de saneamento básico e, sobretudo, pela adaptação do ciclo de vida do mosquito, que se desenvolve em ambientes artificiais como reservatórios de água limpa e sobrevive entre os aglomerados urbanos^{1,2}. Ademais, a própria condição climática e ambiental, quente e úmida, do Brasil contribui para o alastramento dos mosquitos.

O *A. aegypti* é o vetor urbano responsável pela transmissão da dengue, da chikungunya e da zika. Essas arboviroses, embora possam apresentar um simples quadro febril agudo, podem também resultar em síndromes hemorrágicas, articulares e neurológicas, respectivamente^{3,4}. A dengue, por si só, é a principal arbovirose do país dadas as recorrentes epidemias e a gravidade a que pode evoluir.

Como doenças emergentes que apresentaram altas incidências nos últimos tempos, essas arboviroses geram grandes preocupações para a saúde pública no Brasil e em todo o mundo⁴. Atentam-se³ para os impactos sociais e econômicos causados pelo mosquito. Esses impactos vão dos casos não agudos dessas doenças e suas consequências, por vezes permanentes, as interferências nas atividades laborais e econômicas das pessoas acometidas, até os grandes valores investidos e gastos com contratações de agentes de endemias e a manutenção, tratamentos ambulatoriais e hospitalares, vigilância, e, sobretudo, com o controle do vetor.

Assim, como ainda não existem vacinas acessíveis para as doenças transmitidas pelo *Aedes*, entende-se que a melhor e única forma de controle é o combate ao mosquito, uma vez que sua erradicação parece inalcançável^{1,5}. Muito embora existam esses grandes investimentos e esforços para a contenção do mosquito, os esforços têm se mostrado pouco eficientes. A construção do histórico do controle do mosquito, anunciou a necessidade do desenvolvimento de métodos, técnicas, ferramentas que pudessem ser tocantes à população para gerar conscientização e reorientar os comportamentos⁶.

A revisão das estratégias de controle do mosquito previstas no Programa Nacional de Controle da Dengue (PNCD) instituído em 2002, tratou além das abordagens de responsabilidades institucionais (como as diversas utilizações de inseticidas, criação de

mosquitos geneticamente modificados ou o mapeamento de risco), da abordagem eco-bio-social que, à grosso modo, presume essencialmente a participação social². Nessa lógica, o cidadão e usuário do Sistema Único de Saúde (SUS) participa, se envolve e se integra na prevenção do mosquito por meio das tão populares ações preventivas que podem impedir a proliferação do mosquito, como evitar pneus com água acumulada, virar garrafas de cabeça para baixo, limpar a calha ou colocar areia nos pratinhos de flores e plantas.

Nos últimos anos, a internet tornou-se parte integrante da vigilância em saúde⁷. Giustini *et al.*⁸ destacam o uso das redes sociais como um importante desenvolvimento na área da saúde pública, como ambientes virtuais colaborativos. Nesse espaço online, computadores e dispositivos eletrônicos móveis, por meio da internet, têm a finalidade de promover conexões entre e com as pessoas e as instituições, possibilitando um compartilhamento de informações.

Na saúde pública, é relatado o uso crescente de redes sociais para educar o público sobre como evitar agentes infecciosos e para monitorar ameaças à saúde emergentes, ressaltando então os benefícios das redes virtuais na saúde pública e desenvolvendo políticas⁸. A sondagem dos rumores nas redes sociais não substitui as pesquisas tradicionais de campo na área da saúde, mas pode ser usada como ferramenta capaz de apresentar as preocupações de uma determinada população no que se refere à saúde⁷.

Dentre as vantagens do uso da internet e de suas redes sociais pelas instituições do campo da saúde estão: a velocidade das informações em caso de emergência, facilidade para mobilizar associações e a possibilidade de se ter uma visão acerca da percepção do público, cabendo como uma estratégia de comunicação entre as instituições de saúde pública e a população⁹. O uso frequente de redes sociais está associado ao aumento da conscientização e empoderamento dos pacientes, sendo que estes relatam que a internet é uma maneira útil de encontrar respostas para problemas de saúde.

O Facebook é a rede social mais abrangente e mais utilizada no país. Tendo mais de 130 milhões de usuários e perfis ativos, o Brasil ficou em 3º lugar no ranking mundial de usuários e em 2º lugar no que diz respeito a quantidade de horas gastas no Facebook¹⁰. O Ministério da Saúde (MS) que está inserido nas redes sociais por meio dos perfis institucionais no Youtube, Instagram e Twitter, está também presente no Facebook, acumulando atualmente, mais de 2,7 milhões de seguidores e curtidores que acompanham sua página.

Tendo em vista que as redes sociais são uma importante ferramenta para a comunicação e disseminação das informações e que há a permanente necessidade do diálogo

e contato com a população para o controle do *A. aegypti*, é pertinente a investigação das postagens do Facebook do MS sobre o tema.

Neste estudo descritivo e exploratório^{11,12} analisou-se a estratégia de comunicação sobre as arboviroses adotada pelo Ministério da Saúde nas redes sociais, recorte ainda pouco estudado do ponto de vista da saúde coletiva. A amostra foi composta de postagens divulgadas no perfil oficial do Ministério da Saúde no Facebook nos meses de dezembro de 2015, 2016 e 2017, relacionados ao *Aedes aegypti* e às arboviroses. Foram extraídos todos os posts publicados sobre as arboviroses, com conteúdo que fale sobre “dengue”, “chikungunya”, “zika”, “*Aedes aegypti*” e “mosquito”. Foram analisados também as interações (curtidas, reações e compartilhamentos) de cada um destes posts. Dezembro foi o mês selecionado devido a ser o período do início do verão, da temporada de chuva e consequentemente do aumento das transmissões de dengue, é o período em que se intensificam as campanhas da prevenção dos focos do mosquito.

Após a extração dos dados para base de dados própria, foi realizada a classificação segundo a doença presente no post, a saber; dengue, zika e chikungunya. A partir daí, foram classificados conforme as temáticas, baseadas nos estudos de Vijaykumar e Raamkuma¹³:

- 1) pesquisa/diagnóstico: conteúdos relacionados a atividades de controle epidemiológico e diagnóstico de sintomas;
- 2) medidas de prevenção e segurança: guias, conselhos, avisos sobre como se comportar;
- 3) tratamento: conteúdo específico para tratar os sintomas das arboviroses;
- 4) atualizações relacionadas às arboviroses: novos casos, boletins e novidades divulgadas;
- 5) intervenções: divulgação de ações do governo ou de comunidades e profissionais de saúde contra as arboviroses.

Foram identificadas também a presença ou ausência de imagem, menção ao SUS, e o foco do post na responsabilização do usuário, do gestor ou do trabalhador também foram analisados. As variáveis foram analisadas e descritas por meio da frequência de cada uma delas em relação ao total da amostra. A pesquisa é parte do Projeto Integrado Arbocontrol: gestão da informação, educação e comunicação no controle da dengue, zika e chikungunya, registrada no Comitê de ética em pesquisa da Universidade de Brasília sob o número CAAE 75119617.2.0000.0030.

DESENVOLVIMENTO

Sob a compreensão dos riscos do *A. aegypti* a nível de saúde pública, as mobilizações a respeito de seu controle acontecem durante todo o ano pelo Ministério da Saúde. Nessa perspectiva, o mosquito e as arboviroses estão constantemente presentes e sendo frequentemente mencionadas na página institucional do Facebook. Foram analisadas as palavras-chave mais frequentes entre todas as postagens dos meses de dezembro dos anos de 2015, 2016 e 2017 (Figura 1), tendo maior destaque os termos relacionados ao *A. aegypti*: “mosquito”, “combate aedes” e “mosquitonão”. Palavras como “dengue”, “água”, “zika”, “criadouro”, “elimine”, “focos” e “combate” também foram identificadas.

Figura 1. Nuvem de palavras formada pelos conteúdos postados no Facebook do Ministério da Saúde, sobre arboviroses, em dezembro de 2015, 2016 e 2017



Fonte: Autoria própria a partir do site wordart.com.

Ao todo, 120 postagens foram coletadas e contemplavam o tema das arboviroses causadas pelo *A. aegypti*. Dentre elas, 65 tinham como foco especialmente o *Aedes*, sendo no ano de 2015, 15 (26,79% dos posts sobre arboviroses publicados). Já em 2016, observou-se que a maior parte dos posts do mesmo mês tratavam do *Aedes*: 32 (84,21% do total daquele mês) e esse destaque diminuiu em 2017, mas ainda figurando como a maior parte dos posts publicados em dezembro: 18 (69,23%). É válido ressaltar que 2015 foi o ano da difusão da zika e microcefalia e que, de forma geral, a maioria das postagens nesse período teve as duas doenças como principal e único foco.

Algumas postagens, mesmo que com foco principal no mosquito, também fazem alusão à dengue, zika e chikungunya, seja para alertar dos riscos da picada ou por meio das

hashtags, por exemplo. Nos períodos de 2015 e 2016, foi possível notar uma maior relação dessas postagens sobre o mosquito com as arboviroses.

Existem diferenças entre os tipos de postagem que o Facebook permite, considerando os formatos como imagem, vídeo ou gif (imagens animadas) e das possibilidades dessas publicações terem função de avatar (imagem do perfil) e capa (imagem do topo do perfil). Embora a maioria das postagens seja de publicações comuns na linha do tempo, foram encontrados posts em formato vídeo nos três períodos analisados, além de imagem de capa, em 2016 e 2017, e avatar em 2015 e 2016 (Tabela 1).

Interessante ressaltar que embora caiba ao SUS as medidas, ações, serviços e vigilância de saúde, sob a responsabilidade do MS, não são todas as postagens que contêm a logo do SUS, que poderia, assim, fazer referência e dar um pouco mais de visibilidade ao sistema de saúde, sobretudo ao que concerne às ações e intervenções realizadas, por exemplo.

Tabela 1. Frequência de variáveis analisadas a partir de conteúdos postados no Facebook do Ministério da Saúde, sobre arboviroses, em dezembro de 2015, 2016 e 2017

Variáveis	2015		2016		2017	
	n	%	n	%	n	%
Relacionados as arboviroses						
Dengue	12	80,0	17	53,13	0	0
Zika	13	86,7	17	53,13	1	5,56
Chikungunya	5	33,3	17	53,13	0	0,0
Relacionadas ao A. aegypti						
Foco no A. aegypti	15	26,79	32	84,21	18	69,23
Tipo de postagem						
Imagem	11	73,3	28	87,5	13	72,22
Video	2	13,3	4	12,5	3	16,67
Avatar	2	13,3	0	0	2	11,11
Capa	0	0,0	0	0	2	11,11
SUS						
Menção ao SUS	9	60,0	22	68,75	15	83,33
Categorias						
Pesquisa/diagnóstico	1	6,7	0	0	0	0,00
Prevenção e segurança	12	80,0	29	90,63	16	88,89
Tratamento	0	0,0	0	0	0	0,00
Atualizações	1	6,7	0	0	1	5,56
Intervenções	1	6,7	4	12,5	1	5,56
Foco das postagens						
Pessoas	15	100	30	93,75	15	83,33
Governo	0	0,0	2	6,25	3	16,67
Trabalhador	0	0,0	2	6,25	0	0,00

Fonte: Autoria própria.

A persistência de um discurso primordialmente preventivo, imperativo e direcionado à população (Tabela 1) é notável nas publicações. Essas são características comuns à

comunicação sobre arboviroses e *Aedes* nas mais diversas formas, como nas mídias jornalísticas^{14,15}, mídias sociais institucionais¹⁶, campanhas audiovisuais^{17,18} e materiais didáticos¹⁹.

Para Campos e Corrêa¹⁸, o apelo para a mobilização social é incorporado nas campanhas com a intenção de tornar a questão da dengue um problema comum à todos, um risco para todos e uma responsabilidade de todos. Nas postagens do Facebook do MS identifica-se a mesma intenção quando são empregadas frases como "é preciso que todos participem", "precisamos combater os criadouros toda semana", "manter o *Aedes* bem longe da sua casa" e "na luta contra o mosquito ninguém pode ficar parado".

Frente a todos os riscos que o desenvolvimento e a proliferação do mosquito oferecem, as campanhas de controle do *A. aegypti* costumemente o encaram como vilão, atribuindo a ele o papel de inimigo comum do poder público e da população^{14, 15, 17, 18, 20, 21}, por vezes sendo apresentado sob o símbolo de “proibido”.

Nas postagens identificou-se o amplo uso de linguagem bélica, sempre associando a ideia de guerra contra o mosquito. Expressões como “eliminar”, “combater”, “vilão”, “guerra”, frases e slogans, como “luta contra o mosquito”, “se o mosquito pode matar, ele não pode nascer” e hashtags como #MosquitoNão, #CombateAedes e #CombataDengue ao longo dos três períodos. Se por um lado a linguagem metafórica bélica, pode estimular a associação à defesa e necessidade de esforços e união para controle do vetor^{15,16,18}, por outro é limitante. Por ser genérica e superficial, não se pautar em informações educativas que se proponham a gerar ações ou mudanças de comportamento a que se faz necessário em um cenário epidêmico, por exemplo¹⁴.

As postagens com mais compartilhamentos são as que conseguem maior visibilidade uma vez que alcançam pessoas para além dos seguidores/curtidore da página do MS. No caso das mais compartilhadas em dezembro de 2015, 2016 e 2017, (cerca de 3.000, 600 e 800 compartilhamentos respectivamente) (Figura 2), seguem o padrão supracitado. Observa-se sobretudo o caráter preventivo, a linguagem bélica e o direcionamento do discurso de ordem à população que acompanha a página. As três postagens consistem em orientações e dicas acerca da identificação e eliminação do mosquito e seus criadouros, sempre ressaltando a responsabilidade individual e coletiva da população. Os riscos apresentados, em geral, são relacionados às arboviroses transmitidas pelo *Aedes*.

Figura 2. Postagens sobre arboviroses e com maior engajamento no Facebook do Ministério da Saúde, sobre arboviroses, em dezembro de 2015, 2016



Fonte: Facebook do Ministério da Saúde

Dadas as características dessas publicações, é possível refletir sobre uma comunicação com abordagem muito mais preventiva do que promotora de saúde, como analisada no estudo Vasconcelos²² acerca de diferentes campanhas realizadas pelo próprio MS.

Nesse sentido, o caráter preventivo tem a preocupação apenas de que as pessoas não se submetam a agravos, tentando incidir sobre o comportamento e postura, enquanto a promoção da saúde preconiza atuar sobre e considerando as especificidades da população e seus determinantes sociais que incidem sobre os agravos que colocam a em risco. Campos e Corrêa¹⁸ trazem a perspectiva de necessidade de engajamento e reconhecimento da população como parte do problema público e coletivo das arboviroses, no entanto, a considerar que a decisão e iniciativa é individual e autônoma, o discurso imperativo pode não ser eficaz.

CONCLUSÕES

Este estudo possibilitou a análise da comunicação realizada pelo Ministério da Saúde através do perfil institucional do Facebook tendo como foco o *Aedes aegypti*. Foi observada a relevância e a frequência do mosquito entre as publicações da página e o forte discurso preventivo e imperativo, frente aos riscos e ameaças que este oferece.

Com características comuns às campanhas do MS nas postagens o *A. aegypti* assume o protagonismo das campanhas analisadas no período, no papel de vilão e inimigo público. A linguagem bélica e a responsabilização da população são estratégias amplamente utilizadas, não se ocupando de uma comunicação promotora de saúde, mas com foco em expressões que denotam luta e guerra para tentar alcançar e conquistar a mobilização social.

Compreendendo o potencial das redes sociais como espaço de comunicação em saúde e é fundamental que o gestor federal do SUS mantenha estratégias de promoção à saúde e não só responsabilização da população, além de buscar linguagem que ultrapasse o vocabulário bélico.

As redes sociais pressupõem um canal de diálogo e escuta da população. A partir desta pesquisa, pode-se analisar em estudo futuro a percepção das pessoas em relação a esta estratégia do Ministério da Saúde, bem como analisar em que medida é observado esse diálogo nos comentários das postagens.

REFERÊNCIAS

1. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. Departamento de Vigilância Epidemiológica. Diretrizes nacionais para prevenção e controle de epidemias de dengue / Ministério da Saúde, Secretaria de Vigilância em Saúde, Departamento de Vigilância Epidemiológica. – Brasília: Ministério da Saúde, 2009.
2. Zara, ALSA, Santos, SM, Fernandes-Oliveira, ES, Carvalho, GC, Coelho, GE. Estratégias de controle do *Aedes aegypti*: uma revisão. *Epidemiol. Serv. Saude*, Brasília, 25(2):391-404, abr-jun 2016.
3. Teich V, Arinelli R, Fahham, L. *Aedes aegypti* e sociedade: o impacto econômico das arboviroses no Brasil. *J Bras Econ Saúde* 2017;9(3): 267-276
4. Donalizio, MR, Freitas, ARR; Von Zuben, APB. Arboviroses emergentes no Brasil: desafios para a clínica e implicações para a saúde pública. *Rev Saude Publica*. 2017;51:30.
5. Medronho, RA. Dengue no Brasil: desafios para o seu controle. *Cad. Saúde Pública*, Rio de Janeiro, 24(5):948-949, mai, 2008.
6. Braga, IA, Valle, D. *Aedes aegypti*: histórico do controle no Brasil. *Epidemiol. Serv. Saúde* [Internet]. 2007 Jun; 16(2): 113-118.
7. Klein, GH, Guidi Neto, P, Tezza. Big Data e mídias sociais: monitoramento das redes como ferramenta de gestão. *Saúde e Sociedade*, 26(1), 208-217. 2017.
8. Giustini, D, Ali, SM, Fraser, M, Maged NKB. Effective uses of social media in public health and medicine: a systematic review of systematic reviews. *Online Journal of Public Health Informatics*. 10(2):e215, 2018.
9. Thackeray, R, Neiger, BL, Smith, AK, Van Wagenen, SB. “Adoption and use of social media among public health departments.” *BMC Public Health*, 12, 2012.
Magda Lopes. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2010.
10. We Are Social. Digital in 2018. Essential insights into internet, social media, mobile, and ecommerce use around the world. 2018.
11. Sampieri, RH, Collado, CF, Lucio, PB. Metodologia de Pesquisa. São Paulo: MacGrawHill; 2006.

12. Creswell, John W. Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto; tradução Magda Lopes. – 3 ed. – Porto Alegre: ARTMED, 296 páginas, 2010.
13. Vijaykumar, S, Raamkumar, AS. Zika reveals India's risk communication challenges and needs. *Indian J Med Ethics*. 2018 Jul-Sep;3(3):240-244. Epub 2018 Apr 12.
14. Silva, R. Análise dos discursos médicos na imprensa sobre as epidemias de dengue no Brasil. XXII Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro. 2018.
15. Carvalho, SN. Metáfora e Saúde: uma guerra metafórica na luta contra um Estado em epidemia. *Vernaculum*, v. 2, n. 1, 2016.
16. Sobreira IL, Araujo IS. A dengue e as redes sociais online: análise das práticas comunicativas em saúde no ciberespaço.
17. Albarado, AJ. Campanhas audiovisuais do Ministério da Saúde contra dengue, zika e chikungunya nos anos de 2014 a 2017: análise das estratégias de comunicação em saúde. Dissertação (Mestrado em Saúde Coletiva) – Faculdade de Ciências da Saúde, Universidade de Brasília – Distrito Federal. 2018. p. 42-53.
18. Campos, VTN, Côrrea, LG. “Agora é guerra”: a presença do discurso mobilizador em campanhas de controle da dengue. *Reciis – Rev Eletron Comun Inf Inov Saúde*. 2019 jan-mar.;13(1) (2019).
19. Assis, SS, Pimenta, DN, Schall, VT. A dengue nos livros didáticos de ciências e biologia indicados pelo Programa Nacional do Livro Didático. *Ciência & Educação*, Bauru, v. 19, n. 3, p. 633-656, 2013.
20. Carvalho, SN. As forças armadas contra a dengue no Rio de Janeiro: Uma guerra lingüístico-discursiva através da metáfora conceptual. *Revista Philologus* 43 (2009): 79-82
21. Campos, VTN. Acabar com a dengue é uma “guerra de todos”? [manuscrito]: a presença do discurso mobilizador nas campanhas publicitárias de prevenção à dengue da Secretaria de Estado de Saúde de Minas Gerais / Vivian Tatiene Nunes Campos. - 2016.
22. Vasconcelos CM. Abordagem eco-bio-social para o controle das doenças transmissíveis pelo *Aedes aegypti*: uma intervenção em larga escala no Brasil. Tese (Doutorado) - Universidade Estadual do Ceará, Centro de Ciências da Saúde, Programa de Pós-graduação em Saúde Coletiva, Fortaleza, 2016.